

**BREVE ESTUDO
SOBRE OS PRINCIPAIS CONCEITOS DA SOCIOLINGÜÍSTICA**

Raquel Ramos Neres (UEMS)

raquelramosneres@hotmail.com

Adriana Lúcia de Escobar Chaves de Barros (UEMS)

chaves.adri@hotmail.com

RESUMO

O objetivo deste artigo é apresentar um breve estudo sobre os conceitos principais da sociolinguística. Para tal, usaremos como referenciais teóricos as noções desenvolvidas por autores relevantes nesta área, como Jose Lemos Monteiro (2000); Maria Cecilia Mollica (2003) e Fernando Tarallo (2000). A sociolinguística é a área da linguística que estuda a relação entre sociedade e linguagem. Esta área está dividida em duas: sociolinguística variacionista e sociolinguística institucional. Este trabalho abordará a sociolinguística variacionista, entendendo que as variações linguísticas são “duas ou mais formas distintas de se transmitir um conteúdo informativo” (MONTEIRO, 2000, p. 59). Desta forma, estes estudos exploram e descrevem as diferentes variedades que se relacionam dentro de uma comunidade. E que tem sido cada vez mais utilizada como forma de conscientização para esclarecer as diversidades existentes nos espaços socioculturais. Daí a importância desta área e o destaque neste artigo.

Palavras-chave: Sociolinguística. Variacionismo. Variação linguística. Sociedade.

1. Introdução

Para melhor compreensão das observadas diferenças da língua, “veículo de comunicação, de informação e de expressão entre os indivíduos da espécie humana” (TARALLO, 1997), está presente como um dos títulos das áreas de conhecimento da linguagem, a sociolinguística. Essas diferenças apresentam-se nas relações sociais e no funcionamento da língua, e a tarefa do sociolinguista é evidenciar as marcas que mostram as diversidades linguísticas.

Os estudos sociolinguísticos iniciam sua trajetória distanciando-se da homogeneidade linguística, que chegou ao gerativismo de Noam Chomsky.

Por seu turno o modelo gerativista, ainda que teórico e metodologicamente distanciado dessas três posturas, concorda com elas ao admitir a homogeneidade linguística e excluir a reflexão sobre os conteúdos sociais. Basta lembrar que um falante-ouvinte ideal, membro de uma comunidade linguística completamente homogênea e possuidor de um conhecimento excelente da língua. (MONTEIRO, 2000, p. 15)

Até então, o aspecto social relativo à linguagem era abordado por antropólogos ou sociólogos, e suas reflexões e conceitos eram superficiais. Porém, partiu deles a constituição de uma associação em 1963 que teria como objetivo o desenvolvimento dos novos estudos sociolinguísticos – a *Social Sciences Research Council*⁹⁴. (MONTEIRO, 2000, p. 15)

Agora depois de desvincular da homogeneidade e partindo da heterogeneidade, os linguistas passam a delimitar, de maneira sistêmica, o campo da sociolinguística. Os pioneiros William Bright e J. A. Fishman descrevem e comparam as estruturas linguísticas e sociais. Mas é William Bright que insiste na inovação e elabora reflexões “sobre a relação entre língua e sociedade e termina afirmando que o objeto de estudo da sociolinguística é a diversidade linguística” (p. 15). Sob essa afirmação, os estudiosos passam a considerar formas distintas de fala, conforme afirma Maria Cecília Mollica (2010, p. 9)

Todas as línguas apresentam um dinamismo inerente, o que significa dizer que elas são heterogêneas. Encontram-se assim formas distintas que, em princípios, se equivalem semanticamente no nível do vocabulário, da sintaxe e morfossintaxe, do subsistema fonético-fonológico e do domínio pragmático-discursivo. O português falado no Brasil está repleto de exemplo.

Como podemos presenciar, essas variedades linguísticas estão nas comunidades mais diferentes que conhecemos e interagimos. “Um país pode conviver com mais de uma língua, como é o caso do Brasil” (MOLLICA, 2010, p. 10). Essa diversidade é um fenômeno natural e formamos o multilinguismo. E temos os cidadãos plurilíngues, “pois, além do português, há em nosso território cerca de 180 línguas indígenas, de comunidades étnico-culturalmente diferenciada, afora as populações bilíngues que dominam igualmente o português e línguas de outros grupos”. (*Idem, ibidem*)

Os estudos sociolinguistas geraram muitas áreas de interesse, por considerar o aspecto social na linguagem, e a maneira de análise que se baseia na investigação linguística, aplicando essa forma para os seguintes assuntos: “as funções e os usos da linguagem na sociedade, a análise do discurso, o domínio da língua, as atitudes e julgamento das comunidades de fala acerca de suas línguas, a planificação e a normatização linguística”. (MONTEIRO, 2000, p. 26)

Vimos até aqui, que a proposta a ser fundamentada “rejeita a

⁹⁴ Traduzido como “Conselho de Pesquisa de Ciências Sociais”.

abordagem associada dos estudos estruturalistas e gerativistas” (COELHO, 2010, p. 19). Essa proposta apresenta-se como a sociolinguística variacionista fundada principalmente com base nas pesquisas do linguista William Labov.

O pai da linguística variacionista, William Labov, utiliza o linguista francês Antoine Meillet (1866-1936), que foi discípulo de Ferdinand de Saussure, como referência para suas pesquisas. William Labov apreende de Antoine Meillet a forma que este enfatizava o caráter social e evolutivo da língua. Para ele, toda e qualquer variação na língua é motivada estritamente por fatores sociais. Ele busca explicar a estrutura linguística por meio de fatores históricos e sociais. "Por ser a língua um fato social resulta que a linguística é uma ciência social e o único elemento variável ao qual se pode recorrer para dar conta da variação linguística é a mudança social". (MEILLET, 1921, *apud* CALVET, 2002 p. 16)

Partindo desse ponto, podemos aprofundar na Teoria da variação e mudança linguística laboviana. Conforme comentamos mais acima a proposta de William Labov “surge como uma reação aos modelos saussuriano e chomskyano” (COELHO, 2010, p. 20). William Labov critica os aspectos saussurianos como estes que seguem:

1. Como todos os falantes possuem um conhecimento da *langue* (que é a parte social da linguagem), é possível estudar o aspecto social da linguagem pela observação de um único indivíduo. No entanto, o estudo da *parole* (que é a parte individual da linguagem) só pode ser feito pela observação dos indivíduos interagindo linguisticamente, ou seja, pela observação da linguagem em seu contexto social. A isso dá-se o nome de *paradoxo saussuriano*.
2. Os fatos linguísticos são explicados através de outros fatos linguísticos. Trata-se do princípio da imanência. Em outras palavras, tudo o que acontece na língua é motivado e explicado por meio da própria estrutura da língua, pela atuação de forças internas, sem influências de nenhuma força externa.
3. A fala só opera sobre um *estado de língua* e as mudanças que ocorrem entre os estados não têm nele nenhum lugar. O primeiro aspecto (estado de língua) constitui a realidade verdadeira e única. Os fatos evolutivos (diacrônicos) não são percebidos pela massa falante e não fazem parte do sistema da língua, que é estático. Portanto, há um emparelhamento: de um lado, sincronia e fato estático e, de outro, diacronia e fato evolutivo; ambos os lados são mutuamente incompatíveis.

William Labov critica também Noam Chomsky, e os aspectos criticados são:

4. O objeto da linguística é uma comunidade de fala abstrata, homogênea, composta por um falante-ouvinte ideal;

5. Os dados linguísticos analisados correspondentes às próprias intuições do linguista e/ou dos falantes sobre a linguagem. São eles que fazem julgamentos acerca da (a) gramaticalidade das sentenças, e esses dados intuitivos são usados na construção de teorias.

Podemos analisar as críticas apresentadas por William Labov fazer a seguinte “Qual é, então, a proposta da teoria da variação e mudança linguística?” (COELHO, 2010, 22). Fundamentalmente o ponto central desta resposta “é a presença do componente social na análise linguística” (*Idem*). A análise sociolinguística visa compreender a evolução da linguagem na relação língua e sociedade, *dentro do contexto social da comunidade de fala*. Como é perceptível, aqui, William Labov rompe com os aspectos colocados e relacionados por Ferdinand de Saussure entre “estrutura e sincronia de uma lado e história e diacronia de outro” (p. 22) e aproxima “igualmente a sincronia e a diacronia às noções de estrutura e funcionamento da língua”. (COELHO, 2010, p. 22)

As pesquisas sociolinguísticas iniciam no Brasil, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, na década de 1970. Estas pesquisas baseiam-se na *descrição de fenômenos variáveis no português do Brasil (PB)*. (COELHO, 2010, p. 23)

2. Princípios de análise

Antes de abordar as principais maneiras de análise da sociolinguística laboviana, faz-se necessário entender quais as questões que servem a esta disciplina. Veremos em Izete Coelho, que esta disciplina se ocupa de temas como “variação e mudança linguística, bilinguismo, contato linguístico, línguas minoritárias, política e planejamento linguístico, entre outras”. (COELHO, 2010, p. 17)

Como em qualquer matéria, a análise precisa de parâmetros para que os resultados venham a ser bem-sucedidos. Maria Cecília Mollica expõe a conceituação e delimita os problemas teóricos que os linguistas encontrarão para envolverem-se nos processos de análise. Expõem também que é fundamental o papel da mudança linguística para os estudos sociolinguísticos.

Antes de tudo, o linguista deve compreender como se caracteriza uma determinada variação de acordo com as propriedades da língua, verificar seu status social positivo ou negativo, entender o grau de comprometimento do fenômeno variável no sistema e determinar se as variantes em competição acham-se em processo de mudança, seja no sentido de avanço, seja no de recuo da inovação. Em última análise, deve definir se o caso é de variação está-

3. *Conceitos teóricos*

Vamos então, para as definições de variação, variante e variável que a autora enfatiza no texto. Ela coloca que *variação* são as marcas que encontramos nas várias comunidades existentes, ou seja, “a variação linguística constitui fenômeno universal e pressupõe a existência de formas linguísticas alternativas denominadas de *variante*” (MOLLICA, 2010, p. 10). Este fenômeno universal, implica a todos que vivem em sociedade, e são diversas as formas de empregarmos ao falar e escrever que, de certa forma, diz quem somos. Dão pistas a quem nos ouve ou lê sobre, o local que viemos; o quanto estamos inseridos na cultura letrada dominante de nossa comunidade; quando nascemos; com que grupo nos identificamos e várias outras informações. Aqui, já foi brevemente apresentado também, outro conceito, o da variante. São as várias *formas linguísticas* predominantes em diferentes comunidades, que fazem referência a mesma coisa, e estão dentro do mesmo campo semântico, mas são faladas de formas diferente.

Os sociolinguistas em geral entendem que, para estabelecer-se o conceito de variável linguística, é necessário que as duas ou mais variantes tenham o mesmo significado referencial ou denotativo. Essa pressuposição de dizer o *mesmo* de modos diferentes se aplica sem grandes controvérsias a variáveis fonológicas. O /r/ de *elixir* pode ser pronunciado com maior ou menor força expiratória, pode até ser apagado, sem que o significado denotativo do vocábulo se modifique. Já não é assim como o significado expressivo ou o social: se o /r/ é pronunciado com bastante força, pode ser enfático, adquirir um símbolo de prestígio ou, em vez disso, ser estigmatizado se, por exemplo, for pronunciado à moda caipira. (MONTEIRO, 2000, p. 59)

Por fim a *variável*, entendemos que, as várias formas linguísticas para expressar a mesma coisa, constituem o lugar da variável. Mas resumidamente, “variável é o lugar na gramática em que localizamos variação (...) Chamamos de variantes dessa variável as formas individuais que “disputam” pela expressão da variável” (COELHO, 2010, p. 26)

Dentro desses conceitos, temos ainda a *variável padrão* e a *não padrão*. Aqui, a padrão é a que conquistou um lugar de *prestígio sociolinguístico na comunidade*. E a não-padrão é considerada uma inovação, que muitas vezes são estigmatizadas por essa comunidade. Com a possibilidade de surgir comentários negativos ao falante que a utiliza.

As variações podem surgir no nível fonológico, morfológico, sin-

tático, lexical e discursivo. Podemos aqui fazer uma breve definição e exemplificar cada nível. O *fonológico* percebemos a redução de algumas palavras formadas por ditongos, como caixa/caxa; outro/otro, etc. O nível *morfológico* encontramos variação na forma verbal no infinitivo, como andar/andá; beber/bebê; comer/come. O nível *sintático*, encontramos variação linguística nas relações relativas, como por exemplo a frase: Esse é o livro que eu gosto/ Esse é o livro de que eu gosto/ Esse é o livro que eu gosto dele. Ainda temos o nível *lexical*, que encontramos quando fazemos uma viagem nacional para outro estado. Como a variação de mandioca/macaxeira/aipim. E por fim, o nível discursivo, que com base nos estudos Florianópolis (VALLE, 2001, *apud* COELHO, 2010, p. 27) mostra o uso dos marcadores de discursos como, sabe?; não tem?; entende?; e Pronto! (COELHO, 2010, p. 27). Afirmamos diante dos exemplos demonstrados, que a variação linguística não é apenas um fenômeno inerente à língua, porém apresenta-se a outros níveis de análise que é submetido.

4. Considerações finais

Este artigo apresentou os principais conceitos dos estudos sociolinguísticos e alguns princípios e parâmetros de análise. E podemos aqui pensar, diante de todos os tópicos apresentados, sobre questões de linguagem, o ensino da língua portuguesa e na interação das comunidades de fala. Como é abordado por outros sociolinguistas, como Marcos Bagno, a questão de preconceito linguístico fica evidente na sociedade a partir das análises feitas partindo desses conceitos aqui abordados.

Desta maneira, pode-se concluir que, enquanto pesquisadores, temos um compromisso de transmitir os resultados destas análises e as reflexões a partir destas, de maneira clara e objetiva. Com o intuito de fazer a interação dos conhecimentos construídos na academia, com a sociedade que vive externa a este espaço.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COELHO, Izete Lehmkuhl. *Sociolinguística*. Florianópolis: UFSC, 2010.
- CALVET, Louis-Jean. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. Trad.: Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.
- FIORIN, José Luiz. *Introdução à linguística*. 6. ed., 2. reimpr. São Paulo:

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

Contexto, 2012.

MONTEIRO, José Lemos. *Para compreender Labov*. Petrópolis: Vozes, 2000.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. 5. ed. São Paulo: Ática, 1997.